Revista MovimentAção v.03, n.04, pp. 162-178, 2016.

UM PANORAMA DA OBRA DE GEORG SIMMEL: TEORIA SOCIOLÓGICA E TEORIA DA CULTURA

Luis Afonso Salturi[1]

RESUMO: O presente artigo trata sobre a teoria sociológica e a teoria da cultura desenvolvida pelo filósofo e sociólogo alemão Georg Simmel (1858-1918) a partir da interpretação de algumas de suas principais obras. O trabalho apresenta uma análise do interesse pela obra do autor, fazendo um levantamento acerca das traduções brasileiras de suas obras. Em seguida, sua teoria sociológica é analisada a partir da incursão do autor na Sociologia, abordando duas de suas principais obras nessa área. A teoria da cultura é examinada partindo da noção de aventura, culminando com a análise do seu interesse por temas relacionados aos elementos da vida moderna.

PALAVRAS-CHAVE: Georg Simmel. Teoria sociológica. Teoria da cultura.

ABSTRACT: This article deals with the sociological theory and cultural theory developed by the German philosopher and sociologist Georg Simmel (1858-1918) from the interpretation of some of his major works. The paper presents an analysis of interest in the author's work, doing a survey about the Brazilian translations of his works. Then his sociological theory is analyzed from the author's foray into sociology, addressing two of his major works in this area. The theory of culture is examined starting from the notion of adventure, culminating with the analysis of his interest in issues relating to the elements of modern life.

KEY-WORDS: Georg Simmel. Sociological theory. Cultural theory.

1 O interesse pela obra de Georg Simmel e as traduções brasileiras

O filósofo e sociólogo alemão Georg Simmel (1858-1918) ingressou na Universidade de Berlim em 1876, onde estudou História, Filosofia, Psicologia e Etnologia e História da Arte. Desde a época de estudante, se interessava por diversas disciplinas. Dono de uma grande liberdade intelectual, Simmel acreditava que a justificação última da vida acadêmica radicava na produção material que promove o cultivo dos indivíduos educados, como apontam seus ensaios sobre a cultura (SIMMEL, 2013). Possuidor de uma carreira prestigiosa como professor e palestrante, sua extraordinária originalidade pode ser associada à sua posição como pensador ilhado, considerando os aspectos positivos e negativos dessa

[1] Bacharel e Licenciado em Ciências Sociais, Mestre, Doutor e Pós-Doutor em Sociologia. Tem experiência como docente no Ensino Básico, Técnico e Superior, nas modalidades presencial e à distância. Como pesquisador, tem conhecimento nas áreas da Sociologia e da Antropologia. É autor de artigos científicos em periódicos dessas áreas.

situação em que se encontrava. Seu fracasso profissional se manifestou institucionalmente ao tentar obter a designação de professor titular. Somente quatro anos antes de seu falecimento, em 28 de setembro de 1918, vitimado por um câncer de fígado, que Simmel conseguiu adentrar numa cátedra, na Universidade de Estraburgo, cidade para onde se mudou.

O filósofo espanhol Ortega y Gasset (1883-1955), um dentre os vários intelectuais que foram seus alunos, ao comentar sobre a heteronomia de objetos da obra simmeliana, comparou Simmel a um "esquilo filosófico" que pega várias nozes e rói uma a uma, um pouco de cada. Isto porque Simmel, em suas análises, tratava os temas que escolhia como uma plataforma de decolagem para executar exercícios mentais excelentes e originais, optando preferencialmente pela forma ensaística. Os elementos e as transformações relacionados à vida moderna foram temas presentes em vários dos seus ensaios, nos quais as análises do social e dos bens culturais ganharam destaque. Essas caraterísticas explicam em parte porque sua contribuição como pensador ultrapassa as fronteiras entre as disciplinas humanísticas e porque sua obra vem sendo resgatada nas últimas décadas.

Nos últimos anos, a produção intelectual de Georg Simmel tem despertado grande interesse no ambiente acadêmico brasileiro, principalmente na área das Ciências Sociais. As recentes traduções em língua portuguesa das obras desse autor se devem tanto à redescoberta de sua obra teórica, quanto aos interesses promovidos pelos especialistas brasileiros e estrangeiros, que reverenciam cada vez mais a atualidade de seus escritos. Situação esta, que abranda a lacuna gerada pelo modo fragmentário como a obra de Georg Simmel foi publicada no Brasil. É preciso lembrar ainda que muitos cientistas sociais brasileiros tiveram acesso ao pensamento do autor alemão a partir de publicações em língua estrangeira, grande parte disponível em coletâneas em inglês. Contudo, dentre os estudos de especialistas publicados em português, vale destacar o denso trabalho de Leopoldo Waizbort (WAIZBORT, 2001) e a obra introdutória de Frédéric Vandenberghe (VANDENBERGHE, 2005), como sendo os mais importantes atualmente. Além dessas obras, tem crescido o número de traduções dos escritos de Georg Simmel, tanto em formato de livros quanto em artigos publicados em revistas especializadas.

No que diz respeito aos artigos, já na década de 1970, alguns textos foram traduzidos para o português e lançados em coletâneas temáticas, dentre eles destacam-se: *A metrópole e a vida mental* (SIMMEL, 1979), texto clássico da Sociologia Urbana, traduzido do inglês por Sérgio Marques dos Reis, e *O indivíduo e a díade* (SIMMEL, 1976), traduzido por Roberto

Schwartz, também do inglês, mas cotejado com o original alemão. Em meados da década de 1990, alguns ensaios importantes foram traduzidos por Simone Carneiro Maldonado e publicados na revista *Política e Trabalho* (SIMMEL, 1996a, 1996b, 1998a, 1998b e 1999). Nos últimos anos, podem-se mencionar como relevantes o ensaio *Sociologia da refeição*, publicado em na revista *Estudos Históricos* (SIMMEL, 2004), e até mesmo a nova tradução do texto clássico da Sociologia Urbana mencionado, realizada desta vez por Leopoldo Waizbort (SIMMEL, 2005), um dos principais especialistas da obra do autor no Brasil.

Sobre a publicação de coletâneas com textos de Georg Simmel em formato de livro, estas tiveram início com o volume organizado por Evaristo de Moraes Filho, para a *Coleção Grandes Cientistas Sociais*, sob a coordenação de Florestan Fernandes (SIMMEL, 1983). Além dela, outras coletâneas de ensaios temáticos são: *Filosofia do Amor* (SIMMEL, 2001), traduzida do francês por Eduardo Brandão, *Simmel e a Modernidade* (SIMMEL, 2005), organizada por Jessé Souza e Berthold Ölze, *Georg Simmel: sentidos, segredos* (SIMMEL, 2011), compilação dos artigos traduzidos por Simone Carneiro Maldonado, e *O conflito da cultura moderna e outros escritos* (SIMMEL, 2013), organizada por Arthur Bueno. É importante destacar ainda a publicação de obras integrais de Georg Simmel, como *Questões fundamentais da Sociologia* (SIMMEL, 2006), *Ensaios sobre teoria da história* (SIMMEL, 2011) e *Schopenhauer & Nietzsche* (SIMMEL, 2013), que demonstram o quanto tem crescido o interesse pela tradução das obras do autor no país.

Após esse levantamento bibliográfico, passo agora a examinar uma pequena parte da obra de Georg Simmel, na qual o autor apresenta sua teoria social. Em seguida, analisarei aquelas cuja temática gira em torno de elementos da vida moderna e da cultura.

2 O investimento de Georg Simmel na Sociologia

Na última década do século XIX, a Sociologia começou a se libertar da crença no progresso e no "dever-ser da sociedade" e passou a se concentrar na sociedade do presente, enquanto uma ciência da vida moderna. Desde seu primeiro livro, intitulado *Soziale differenzierung: soziologische und psychologische untersuchungen* (*Sobre a diferenciação social: estudos sociológicos e psicológicos*), publicado em 1890, Georg Simmel se destacou nesse âmbito ainda amorfo da Sociologia. Em sua produção intelectual, o autor operou uma metamorfose da "ética" para "ciência moral", pois o que no campo da filosofia era tratado como ética passou a ser tratado como ciência social, e a "ética", vista pela sua historicidade,

transformou-se em "moral". Sendo assim, na constituição de um espaço novo, a Sociologia surgiu dessa forma estratégica (WAIZBORT, 2006, p. 509).

Em *A teoria do conhecimento da ciência social*, ensaio introdutório de seu primeiro livro, Simmel (2004) apresenta uma discussão epistemológica na qual a Sociologia é definida como uma "ciência eclética" que opera com resultados da investigação da História, da Antropologia, da Estatística, da Psicologia, como se tratasse de produtos semielaborados. Entendida como uma ciência de "segunda potência", a Sociologia criaria novas sínteses a partir daquilo que para as outras ciências já são sínteses. Além de ressaltar a importância da Sociologia, esse texto apresenta vários conceitos presentes ao longo da produção teórica do autor, dentre os quais está a definição de sociedade como o resultado das relações e interações entre os indivíduos.

No artigo *Como as formas sociais se mantêm*, publicado originalmente em 1897 na revista *L'Anné Sociologique*, dirigida pelo sociólogo francês Émile Durkheim (1958-1917), Simmel (1983) formula o conceito de *sociação* para designar os modos pelos quais os atores sociais se relacionam e apresenta um método a partir do qual a Sociologia poderia se tornar uma ciência, com um campo de estudo específico e diferenciado daqueles das outras disciplinas. Tal método consiste em abstrair a forma de *sociação* dos estados concretos, dos interesses e dos sentimentos que constituem seu conteúdo. Somente isolando essa forma mediante a abstração é que se poderia constituir uma ciência da sociedade. Assim, a Sociologia deveria buscar seus problemas nas formas de vida social, sendo que seu domínio estaria nas formas sociais, que tomam os grupos de indivíduos unidos para viver uns aos lados dos outros, ou uns para os outros, ou então uns com os outros.

De modo semelhante ao que acontece na teoria social do seu conterrâneo e contemporâneo, o sociólogo Max Weber (1864-1920), na teoria sociológica simmeliana o indivíduo é o elemento fundamental que constitui a sociedade. Isto porque Simmel entende por sociedade não apenas um conjunto complexo de indivíduos e grupos unidos numa mesma comunidade, mas toda a parte onde os indivíduos se encontram em reciprocidade de ação e constituem uma unidade permanente ou passageira. Ao tratar da relação indivíduo-sociedade, o autor explica porque a sociedade se coloca como algo que domina as existências particulares. Diferentemente de Durkheim em *Da divisão do trabalho social* (DURKHEIM, 2004), Simmel salienta a importância do conflito para a união do grupo e a necessidade da oposição entre os indivíduos, pois, para este, é da própria luta que nasce a *unidade*. Para se

conseguir a definição de sociedade é preciso então convocar todas as formas da *sociação* e forças que mantêm unidos seus elementos.

3 A "grande" Sociologia

No primeiro capítulo da obra *Soziologie: untersuchungen über die formen der vergesellschaftung* (Sociologia: estudos sobre as formas de socialização), publicada originalmente em 1908, em dois volumes e conhecida como a "grande" Sociologia, Simmel (1926) afirma que "toda a ciência se funda numa abstração". O que diferencia a Sociologia das demais ciências histórico-sociais não é o objeto, mas o modo de considerá-lo, pois a Sociologia faz da sociedade um conceito abstrato. O autor apresenta vários conceitos que são de extrema importância para a compreensão de sua teoria sociológica. Dentre os quais, está o de sociedade, que se caracteriza pela distinção entre *forma* e *conteúdo*.

Podemos entender por *formas sociais* os princípios sintetizadores que selecionam elementos do material da experiência e que modelam dentro de determinadas unidades. Já os *conteúdos* são tudo o que é capaz de originar a ação ou a recepção de suas influências. É tudo o que existe nos indivíduos, que são os portadores concretos e imediatos de toda a realidade histórica, como instinto, interesse, fim, inclinação, estado ou movimento psíquico. São aspectos da existência que se determinam em si mesmos e não contém nenhuma estrutura nem a possibilidade de ser apreendidos em sua imediatez.

No capítulo seguinte, o autor afirma que os grupos sociais possuem características específicas conforme o número de elementos que os compõem. Enquanto alguns desenvolvimentos necessários ou possíveis só podem ser realizados acima ou abaixo de um determinado número de elementos, outros são impostos ao grupo por certas modificações puramente quantitativas. Desse modo, os desenvolvimentos grupais dependem de certas condições numéricas. O autor ainda comenta sobre o tamanho e as características dos grupos, explica a diferença entre eles, fornece exemplos de agrupamentos pequenos e grandes, e analisa o radicalismo e a coesão.

No segundo volume dessa obra, Simmel (1927) reúne um grupo de ensaios sob o título *O espaço e a sociedade*. Fazem parte desse capítulo as digressões sobre a limitação social, a Sociologia dos sentidos e o estrangeiro, textos que apresentam análises a respeito da socialização construídas sob um ponto de vista inovador. No ensaio introdutório, o autor afirma que não são as formas de proximidade ou de distância que produzem fenômenos como

"a vizinhança" e "a imigração". Esses fatos são produzidos exclusivamente por fatores espirituais e se verificam dentro de uma forma espacial, sendo que o que realmente tem importância social não é o espaço, mas o encadeamento e a conexão das partes do espaço produzidas por fatores espirituais. A relação entre dois elementos, que se dá a partir de um movimento recíproco, tem lugar entre eles no sentido espacial. A ação recíproca transforma o espaço, antes vazio, em cheio. A socialização produz nas distintas classes de ação recíproca entre os indivíduos outras possibilidades de convivência. Porém, muitas delas se realizam de tal modo que a forma espacial em que têm lugar justifica sua atuação para fins de conhecimento. Assim, para tratar das formas de socialização é preciso dar importância às condições espaciais que permitem suas características e desenvolvimentos.

Em a *Digressão sobre a Sociologia dos sentidos*, Simmel (1927) afirma que a percepção do outro com os órgãos sensoriais possui uma importância sociológica fundamental. O conjunto de perguntas que fazemos a nós mesmos sobre os outros determina uma divisão do trabalho realizado entre os sentidos. A impressão sensorial serve como um meio de conhecimento do outro. Isso porque a impressão sensorial além de possuir um valor sentimental, permite a relação com o outro a partir do conhecimento instintivo e voluntário. Para fundamentar suas conclusões, o autor faz uso de exemplos históricos, sendo que, as transformações históricas podem ser entendidas como os *conteúdos* e os usos dos sentidos, as *formas*.

Ao longo do ensaio, Simmel aponta várias características dos "órgãos sensoriais": a voz, os olhos, o rosto, o ouvido, o olfato e o tato. Segundo o autor, a voz serve para conhecer os sentimentos atuais de um indivíduo e suas maneiras de ser, pois pode produzir um efeito atrativo ou repulsivo. Os olhos possuem uma função sociológica particular, subjetiva e de ação recíproca, pois revelam "a alma". Nos indivíduos que se olham mutuamente, o desvio do olhar destrói a relação, pois ao baixarmos os olhos privamos do outro a possibilidade de nos conhecer. Além disso, os olhos mantêm uma dependência do rosto, que é o lugar geométrico de todos os conhecimentos, o símbolo de tudo o que o indivíduo apresenta como pressuposto de sua vida. Como símbolo da sucessão da vida, o rosto apresenta o passado do indivíduo em forma de marcas físicas: a história de vida e as qualidades básicas relativas à natureza. É o primeiro objeto do "olhar cara a cara", pois oferece à mirada o símbolo mais perfeito da interioridade permanente.

Sobre a relação do ouvir e o olhar, o autor afirma que ouvido é um órgão egoísta, pois não fornece nada. Diferente do olho, que toma é dá ao mesmo tempo, o ouvido só pode tomar e dar quando somado à boca e à linguagem. Além disso, existe uma diferença entre o cego e o surdo no que se refere ao estado de ânimo sociológico. Para o cego, o outro existe na sucessão temporal de suas expressões. O cego não consegue perceber a simultaneidade inquieta de todos os passados que se mostram no rosto. Recordamos melhor o que ouvimos do que aquilo que vemos. Quem vê sem ouvir vive mais confuso, desconcertado e intranquilo que aquele que ouve sem ver. É o que acontece com o surdo.

Sobre o olfato, o autor afirma que este possui um sentido dissociador. É possível qualificar o odor como desagregador e antissocial, não só porque provoca mais repulsões que atrações, mas porque a reunião de um grupo grande de indivíduos jamais lhe fornece um tipo de atração. É um modo de conhecimento que em relação aos outros órgãos sensoriais é difícil descrever com palavras, diferentemente do ouvido e dos olhos, pois não consegue projetar-se no plano da abstração. Por outro lado, Simmel analisa o papel sociológico do perfume artificial e afirma que o mesmo recobre a atmosfera pessoal e a substitui por uma atmosfera objetiva. Entretanto, ao mesmo tempo chama a atenção sobre ela. Do perfume que cria essa atmosfera fictícia, se supõe que será agradável a todas as demais e que constituirá um valor social. Isso se refere a uma "teleologia individual-egoísta e social" e ao fenômeno da estilização da personalidade em algo geral.

Na análise do tato, Simmel discute sobre a aproximação espacial, buscando exemplos em diferentes períodos da vida humana. Apresenta uma análise etnológica com exemplos de costumes de diversos povos, vendo o incesto como um exemplo da dualidade aproximação/distanciamento. Nesse caso, a convivência na mesma casa contribuiria para a "atrofia da excitação sexual". O autor cita também algumas mudanças que ocorreram com a modernidade, questões desenvolvidas em outros ensaios, que serão tratados a seguir. Simmel vê no homem moderno uma tendência à individualização, o que contribui para uma maior personalidade e liberdade, o crescimento da sensibilidade para com as impressões visuais e o distanciamento do indivíduo, a *reserva*.

Em a *Digressão sobre o estrangeiro*, Simmel (1927) afirma que viajar significa a liberação de qualquer ponto definido no espaço. Ao contrário, a oposição de viajar é a fixação em um ponto qualquer. Para o autor, as relações espaciais são a condição e o símbolo das relações humanas. O tipo social do estrangeiro significa a unificação dessas duas

características, representando a unificação da proximidade e da distância, sendo "uma forma específica de interação". O estrangeiro é um elemento do próprio grupo social, mas que, se por um lado, é imanente e tem uma posição de membro, por outro, está de certo modo fora do grupo, se confrontando com ele.

Na história da economia o estrangeiro é sempre tido como um comerciante, o intermediário das relações de trocas mercantis, já que suas características possibilitam melhor a condição da troca, justamente por ser uma "peça extra" nessas relações. Os judeus da Europa são citados pelo autor como exemplos históricos clássicos desse tipo social, principalmente ao se considerar a questão da posse de terra, já que os mesmos não são proprietários. Simmel cita como exemplo o imposto comum fixado e cobrado aos judeus, na Idade Média, em Frankfurt e outros lugares. Nessa época, a fixação da cobrança estava baseada no fato de que o judeu tinha sua posição social como "judeu" e não como um indivíduo possuidor de certos conteúdos objetivos.

O estrangeiro possui como característica a objetividade, que também pode ser definida como liberdade, pois o indivíduo objetivo não está amarrado a nenhum compromisso que poderia prejudicar sua percepção, entendimento e avaliação do que é dado. Além disso, o estrangeiro examina as condições com menos preconceito, seus critérios são mais gerais e objetivamente ideais. Ele não está preso à ação e ao hábito, pela piedade ou algo precedente. Para o autor, no caso de uma pessoa de um lugar ou etnia diferente, estes elementos que a diferenciam não têm nada de individual, sendo apenas a condição de origem, que é ou que poderia ser comum a muitos estrangeiros. Por isso, os estrangeiros não são realmente concebidos como indivíduos, mas como "estranhos de um tipo particular", pois o elemento de distância não é menos geral que o elemento de proximidade.

4 A "pequena" Sociologia

Em sua obra *Questões fundamentais da Sociologia*, publicada em 1917 e conhecida como a "pequena" Sociologia, Simmel (2006) aponta diretrizes para a legitimidade e demarcação da Sociologia como ciência. Para o autor, a Sociologia é uma entre as disciplinas voltadas para a sociedade e que tratam sobre temas humanos, mas que possui suas especificidades e necessita a demarcação de seu campo de estudo. A Sociologia é um constructo intelectual baseado na relação sujeito-objeto – processo pelo qual isolamos um fenômeno e o reduzirmos a elementos mais simples para poder entendê-lo. Assim sendo,

segundo o autor, o que realmente existe são constructos complexos, que constituem realidades últimas e que podem ser consideradas sínteses, pois existem como *unidade* somente na nossa consciência.

Ao longo da obra, o autor comenta sobre as diferentes distâncias em que o espírito humano se coloca frente aos fenômenos para poder entendê-los, fazendo uma analogia com a observação da imagem de uma pintura, que necessita certo distanciamento. Ao tratar da sociedade, Simmel (2006, p. 14-25) comenta sobre as diferentes relações praticadas pelos indivíduos reciprocamente. A sociedade é um "conceito abstrato", é algo que os indivíduos fazem e sofrem ao mesmo tempo, um "acontecer". Portanto, o autor define a sociedade como a "interação psíquica entre indivíduos" e a Sociologia, o estudo das formas de *sociação*. Por isso, a descrição das formas dessas ações recíprocas constituiria a tarefa da ciência social no sentido próprio. Ao tratar do modo de observação humano para mostrar a importância da abstração e o uso do conceito de *forma* nessa investigação, o autor utiliza exemplos que vão desde as ciências naturais até as ciências humanas, a filosofia, a arte e a religião.

Ao esboçar um método sociológico, Simmel (2006, p. 30-35) afirma que o resultado da observação deve passar pelo caminho que leva de uma *unidade indiferenciada*, passando por uma *multiplicidade diferenciada*, para chegar até uma *unidade diferenciada*. Mesmo não citando Auguste Comte, Simmel refere-se às *Leis dos Três Estados*, pelo qual o conhecimento científico percorre: teológico, metafísico e positivo (COMTE, 1978). Para tornar mais claro seus apontamentos, o autor compara a análise das formas sociais com a abstração geométrica, utilizada na análise da forma espacial dos corpos. Outra analogia é com a gramática, que isola as formas puras da linguagem dos conteúdos nos quais elas vivem. É desse modo que a análise sociológica pautada em *forma* e *conteúdo* transforma os fatos. Tida como qualquer outra ciência exata, a Sociologia se dividiria em dois âmbitos *filosóficos*: a teoria do conhecimento das ciências sociais e a metafísica da disciplina.

No segundo capítulo dessa obra, Simmel (2006, p. 39-58) analisa as reações do indivíduo frente à coletividade e ao pertencimento grupal, bem como as direções tomadas pelo grupo em relação ao indivíduo. O autor afirma que o indivíduo reage à pressão que sofre pela "massa" (grupo social), manifestada por sentimentos, impulsos e pensamentos contraditórios. Enquanto o indivíduo sofre essa pressão, a "massa" está convencida de suas orientações. Contudo, o indivíduo ainda goza de certa liberdade enquanto as ações da "massa" seriam determinadas por uma lei natural. O autor fornece exemplos de como se dão essas

relações. Mesmo não tratando especificamente da identidade, Simmel discute sobre vários elementos envolvidos nessa noção conceitual, como o significado da semelhança e da diferença na vida social, percebendo como as características individuais são reduzidas frente à "massa" e como a individualidade é mantida a partir de sentimentos instintivos, fatores que estariam relacionados com o nivelamento social.

Segundo Simmel (2006, p. 60-61), a interação entre os indivíduos surge a partir de determinados impulsos e da busca de certas finalidades, que fazem com que os mesmos mantenham uma relação de convívio. A *sociação* é interação entre os indivíduos, é a forma na qual os mesmos, em razão se seus interesses, desenvolvem-se conjuntamente em direção a uma unidade no seio da qual esses interesses se realizam. Tais interesses formam a base da sociedade humana. A matéria de *sociação*, o conteúdo, é "... tudo o que existe nos indivíduos e nos lugares concretos de toda a realidade histórica como impulso, interesse, finalidade, tendência, condicionamento psíquico e movimento nos indivíduos – tudo o que está presente nele de modo a engendrar ou mediatizar os efeitos sobre os outros, ou a receber esses efeitos dos outros" (SIMMEL, 2006, p. 60). Simmel trata sobre a autonomização dos conteúdos, ou seja, a autonomia dos objetos criados pelo homem, sejam estes realidades concretas ou abstratas. Não só os conteúdos, mas também as formas sociais adquirem vida própria. Simmel define esse fenômeno como *sociabilidade*, que é a *sociação* em sua forma mais pura, ou seja, aquela que acontece entre iguais.

5 A cultura filosófica como aventura

Originalmente publicada em 1911, a obra *Philosophische Kultur* (Cultura filosófica, ou *Sobre la aventura*, na versão espanhola) é composta por seis capítulos que tratam de temas variados: *Para uma psicologia filosófica*, *Para uma filosofia dos sexos*, *Ensaios de estética*, *Sobre personalidades artísticas*, *Sobre filosofia da religião* e *Sobre filosofia da cultura*. Na introdução, Simmel (2002) mostra o que confere unidade aos ensaios que constituem sua obra. Essa unidade está relacionada à concepção de filosofia da qual o autor se utiliza para interpretar a realidade. O que é comum nessa concepção não é propriamente o objeto da reflexão, mas o processo a partir do qual se constitui seu pensamento. Com esse conjunto de ensaios, o autor dialoga com um ramo especial da filosofia, a metafísica. A metafísica simmeliana se apresenta como um processo do pensamento, um conjunto de construções mentais baseada no movimento do espírito humano, que se realiza socialmente oscilando

entre os conteúdos objetivos e subjetivos da vida. Nesse sentido, o conhecimento não pode ser entendido desde um lugar de ruptura entre sujeito e objeto, mas como uma via de trânsito entre eles. A cultura filosófica é, então, o dualismo que marca a internalidade do sujeito e que, num movimento contínuo, se expressa nas formas que constituem o mundo social. Ao final do texto da introdução, o autor menciona uma fábula que serve como uma metáfora sobre a necessidade do espírito humano de crescer, buscando sempre algo para além do mundo físico.

No ensaio *O conceito e a tragédia da cultura*, Simmel (2002) trata da relação do ser humano com a realidade do mundo, o que dá início ao processo entre *sujeito* e *objeto*, que é uma característica da singularidade humana. Para o autor, a ideia de cultura se encontra entre esse dualismo e seu surgimento se dá quando acontece a aproximação entre a alma subjetiva e o produto espiritual objetivo. Isto porque a cultura é o movimento de síntese desses dois elementos, sendo que nenhum deles a contém em separado. A cultura só pode ser encontrada no aperfeiçoamento dos indivíduos, momento em que ocorre a cultivação.

A cultura é uma síntese, mas a síntese não é a única forma de *unidade*, uma vez que ela sempre pressupõe a separação dos referidos elementos como etapa anterior. Fazem parte desse processo a cultura objetiva e a cultura subjetiva. Cultura objetiva são as instituições, os conhecimentos, as atitudes que os homens desenvolvem ao longo da história, são as coisas em que a elaboração e o crescimento conduzem a alma humana à sua consumação própria e que representam trechos do caminho que o indivíduo particular ou a globalidade recorrem sem interrupção até uma existência mais elevada. Cultura subjetiva é a apropriação de toda cultura objetiva, anterior e exterior ao indivíduo, ela é a medida de desenvolvimento que as os indivíduos alcançam.

A partir da conclusão de uma obra cultural, esta não apenas passa a ter uma existência objetiva e uma vida própria, como passa a conter nesta existência autônoma, força e fraqueza, componentes e significação, sobre os quais o homem não tem responsabilidade e pelos quais é frequentemente surpreendido. O homem cria algo objetivo e autônomo, que torna o caminho para o desenvolvimento do sujeito de si mesmo para si mesmo, o que constitui o conceito de cultura. Esse elemento integrante e condicionante da cultura é predeterminado a um desenvolvimento próprio, que consome continuamente forças dos sujeitos. Contudo, o desenvolvimento do sujeito não consegue acompanhar o desenvolvimento do objeto e é daí que decorre a tragédia da cultura.

Outro ensaio que tematiza a criação humana é *A aventura*. Nesse texto, Simmel (2002) afirma que toda a criação e experiência humana têm uma dupla significação: gira em torno do seu próprio centro, refletindo amplitude, profundidade, prazer e dor ao nível da experiência imediata; faz parte do decorrer da vida, não apenas uma totalidade circunscrita, mas também componente de um organismo completo. Esses dois sentidos configuram cada conteúdo da vida. Por sua vez, a aventura extrapola o contexto da vida, como que se corresse à margem dela. A aventura é como se fosse um corpo estranho à vida, mas que, no entanto, está ligada ao seu centro. Ao se localizar fora do contexto da vida, volta a se inserir nela, pois, o externo pode ser entendido como uma forma do interno.

A aventura pode ser comparada à lembrança dos sonhos na memória, que são esquecidos em situação de se situarem fora do contexto do sentido da totalidade da vida. Quanto mais uma aventura corresponder ao seu conceito, permanecerá como uma lembrança na memória, assim como um sonho marcante. A aventura tem começo e fim, o que constitui sua centralização num sentido próprio e seu desligamento dos entrelaçamentos e encadeamentos dos seus conteúdos. A aventura é independente do antes e do depois, seus limites se determinam sem considerá-los. O começo e o fim da aventura são determinados como uma ilha na vida e não como um pedaço de continente, determinado pelos lados. A aventura não termina porque alguma outra coisa iniciou, pois sua forma temporal, seu fim radical, constitui a figura precisa de seu sentido interior. Simmel cita vários tipos sociais propícios à aventura. Para o autor, a semelhança entre o jogador e o aventureiro reside em que o jogador se entrega ao acaso, contando que este pode lhe ser favorável. O acaso condiciona o contexto do jogo, fornecendo-lhe sentido. Da mesma maneira, fornece sentido também à vida do jogador, transformando-se numa necessidade e num elemento de significação.

Do mesmo modo como a aventura parece basear-se numa diferenciação dentro da vida, a vida como um todo pode ser sentida como uma aventura. O aventureiro confia sua própria força, em sua própria sorte e na união não diferenciada de ambas. Por isso, o aventureiro é o homem do presente. Ele não é definido pelo passado, o que determina sua oposição à velhice. Por outro lado, não há para ele o futuro. Uma prova extrema e bem característica da temporalidade da aventura citada por Simmel encontra-se nas memórias do escritor italiano Casanova, em suas histórias erótico-aventureiras (CASANOVA, 1946). Desse modo, a relação amorosa contém em si a junção dos elementos que também unifica a forma do aventureiro: a força conquistadora e a concessão não constrangida, o ganho advindo

da própria capacidade e a dependência da sorte, que é concedida por uma instância incalculável alheia à força e capacidade individual; outro elemento é a fugacidade da relação amorosa.

6 Elementos da vida moderna

Os escritos de Simmel são marcados pela presença constante de dualidades. Em alguns de seus ensaios, o autor utiliza a complementaridade e a justaposição de opostos, como em *Da psicologia da moda: um estudo sociológico*, no qual Simmel (2005) inicia o texto tratando sobre o que chama de "tendências contraditórias" do ser humano. Nas configurações sociais dessas contradições tem-se frequentemente um dos polos como portador da tendência psicológica para a imitação, uma das direções fundamentais do ser. A imitação proporciona o estímulo de uma efetiva prova de força, pois não exige esforço criativo e pessoal. Proporciona a tranquilidade de não estarmos sozinhos. Na imitação é o grupo que conduz o indivíduo, na medida em que transmite a forma do seu comportamento e liberta o indivíduo da tortura e da responsabilidade da escolha. É apenas um fator constitutivo do nosso ser, uma das direções fundamentais do nosso ser que satisfaz a unidade, a igualdade e o amálgama do indivíduo na generalidade, ou seja, permite a fusão do indivíduo com a coletividade.

De acordo com Simmel, a moda é imitação de um modelo dado. Ela satisfaz dois aspectos das necessidades humanas. Uma delas é a necessidade de apoio social porque é imitação, conduzindo o indivíduo ao caminho que os demais seguem. Nesse caso, há uma tendência para a igualdade social. A outra é a necessidade da diferença, de distinguir-se, contrastar e destacar-se, pois a autoestima exige distinção e o sentimento de ser especial. Há, portanto, uma tendência para a distinção individual. Assim, a moda significa a inclusão num grupo de iguais, a unidade de um círculo caracterizado por ela e por isso o fechamento deste grupo frente aos que se situam abaixo dele. Simmel afirma que desde os "povos primitivos", a moda marca a coesão interna do grupo a partir da diferenciação que vem de fora do próprio grupo. Na sociedade moderna, a moda dos estratos superiores se diferencia da dos estratos inferiores, porque ela é "um produto de separação de classes".

A produção intelectual de Georg Simmel afirma a importância do estudo dos detalhes da vida cotidiana do século XIX, pois esses fenômenos culturais expressam as imagens que a sociedade produz de si mesma. As análises do autor sobre determinados fenômenos do capitalismo moderno permitem relacionar diversas esferas da vida humana,

sejam elas sociais, econômicas, políticas, culturais ou ideológicas. É dentro dessa perspectiva que se insere um de seus livros mais importantes: a *Filosofia do dinheiro* (SIMMEL, 1977). Publicada originalmente em 1900, essa obra compila e sintetiza análises apresentadas anteriormente em vários ensaios. Nela, o autor faz uma constante referência ao mundo visual da sociedade moderna, abordando o significado documental de fenômenos como as exposições de arte, a moda, as grandes cidades e o dinheiro.

No ensaio *A metrópole e a vida mental*, Simmel (1979) apresenta algumas das ideias desenvolvidas na *Filosofia do dinheiro*, mostrando como o indivíduo se adequou à sociedade no meio urbano, ao receber certas influências do ambiente moderno que intensificam seus estímulos. Na visão do autor, a personalidade se ajustou a essas forças externas, já que o tipo metropolitano de individualidade consiste na intensificação dos estímulos resultantes da alteração entre estímulos exteriores e interiores. As metrópoles são as sedes da divisão do trabalho, que exigem dos indivíduos um aperfeiçoamento cada vez maior. Surge, então, a especialização condicionada pela competitividade. Tudo isso promove um psiquismo diferenciado no indivíduo metropolitano, que é chamado às novas relações sociais nas quais a pontualidade, a exatidão e a intelectualidade estão intrinsecamente vinculadas na conformação de sua personalidade.

Diante dessa nova sociedade que pressiona o indivíduo, sua personalidade busca se acomodar ou se ajustar em dois tipos de respostas ao momento do encontro com outras personalidades: a *atitude blasé* e a *reserva*. A *atitude blasé* resulta dos estímulos contrastantes que são impostos aos nervos, estes encontram na recusa ao reagir aos estímulos à última possibilidade de acomodar-se ao conteúdo e a forma da vida metropolitana. Submetida a esta existência, a personalidade busca autopreservação pela aversão, antipatia e estranheza. O que autor chama de *reserva*, que é o bloqueio de contato mais próximo entre os indivíduos do meio urbano. A *atitude blasé* e a *reserva* não são resultantes de escolhas conscientes dos indivíduos, elas são adquiridas e apreendidas em relações sociais recíprocas, como uma base sociopsicológica.

Os indivíduos no meio urbano constroem seus próprios mundos por se tornarem cada vez mais concentrados em si mesmos, fechados contra círculos vizinhos. Contudo, o homem metropolitano é livre em comparação aos preconceitos que atrofiam o homem da cidade pequena. Uma das características da cidade grande, então, é a extensão funcional, para além de suas fronteiras físicas. Além disso, existe a transição para a individualização de traços

mentais e psíquicos que a cidade ocasiona em proporção ao seu tamanho nos indivíduos. Outra questão importante levantada pelo autor é a de que a metrópole é a sede da economia monetária. Nesse sentido, existe uma ordenação econômica, na qual o dinheiro reduz toda a qualidade e individualidade.

Outro ensaio relevante é *O dinheiro na cultura moderna*, no qual Simmel (2005) afirma que com o desenvolvimento da modernidade, os laços que o homem mantinha com sua comunidade e com a propriedade feudal foram destruídos. Isso porque, a personalidade do homem medieval estava incorporada nos círculos de interesses práticos ou sociais. Essa *unidade* foi destruída na Época Moderna, que conseguiu separar e autonomizar o sujeito e o objeto. Portanto, a relação entre personalidades e relações objetivas desfaz-se com a economia do dinheiro, que impõe uma distância entre a pessoa e a posse, tornando a relação entre ambas mediada por uma instância totalmente objetiva. No que diz respeito à separação entre a posse e o possuidor, o dinheiro conferiu, por um lado, um caráter impessoal anteriormente desconhecido a toda atividade econômica, e por outro, aumentou a autonomia e a independência do ser humano.

Simmel vê no dinheiro algo livre e abstrato que na vida moderna mudou totalmente o modo dos homens se relacionarem entre si e com o mundo. Para o autor, o dinheiro influenciou enormemente a personalidade do ser humano, reduzindo o caráter racional das coisas pelo calculador e os valores qualitativos pelos quantitativos. Operações matemáticas contínuas como taxar, estimar, calcular e reduzir valores qualitativos a valores de diferentes origens se desenvolveu no comportamento social. Sendo assim, não se percebe que o dinheiro é apenas um meio para obter outros bens, já que o dinheiro permite ao homem a chance de satisfazer seus desejos.

O dinheiro originou um sentimento de liberdade que desencadeou a ausência de conteúdos da vida cotidiana e o afrouxamento da substância vital. Ao fazer surgir uma dimensão radicalmente nova entre liberdade e compromisso, ele permitiu ampliar um sentimento de independência abrindo espaço para uma maior individualidade. Simmel ressalta a definição de que o dinheiro é o deus da época moderna. A ideia de Deus teria para o autor sua significação no fato de que todas as contradições e multiplicidades do mundo ganhariam unidade por referência a uma potência absoluta. O dinheiro apresenta afinidade com essa ideia.

7 Referências

CASANOVA, Giacomo. **Memórias**. São Paulo, SP: J. Olympio, 1946.

COMTE, Auguste. Curso de Filosofia Positiva. **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 1-40.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SIMMEL, Georg. A filosofia da paisagem. **Revista Política e Trabalho**, João Pessoa, n. 12, p. 15-24, set. 1996.

_____. A metafísica da morte. **Revista Política e Trabalho**, João Pessoa, n. 14, p. 177-182, set. 1998.

_____. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme. (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1979. p. 13-28.

_____. A ponte e a porta. **Revista Política e Trabalho**, João Pessoa, n. 12, p. 10-14, set. 1996.

_____. A teoria do conhecimento da ciência social. In: CRUZ, M. B. da. **Teorias sociológicas**: os fundadores e os clássicos (antologia de textos). Volume I. 4 ed. Lisboa: Serviço de Educação e Bolsas: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004. p. 533-550.

_____. As grandes cidades e a vida do espírito**. Mana**, vol. 11, n. 2, p. 577-591, out., 2005.

_____. **Ensaios sobre teoria da história**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011.

_____. Estética e Sociologia. **Revista Política e Trabalho**, João Pessoa, n. 14, p. 183-188, set. 1998.

_____. **Filosofía del dinero**. Madrid: Instituto de Estudios Políticos, 1977.

_____. **Filosofia do amor**. 2 ed. Coleção Tópicos. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **Georg Simmel**: sentidos, segredos. Maldonado, Simone Carneiro (org.) Curitiba: Editora Appris, 2011.

_____. **O conflito da cultura moderna e outros escritos**. Arthur Bueno (org.). São Paulo: SENAC, 2013.

_____. O indivíduo e a díade. In: CARDOSO, Fernando Henrique; IANNI, Octavio. **Homem e sociedade**: leituras básicas de sociologia geral. 10 ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1976. p. 128-135.

_____. O segredo. **Revista Política e Trabalho**, João Pessoa, n. 15, p. 221-226, set. 1999.

_____. **Questões fundamentais da Sociologia**: indivíduo e sociedade. Tradução de Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

_____. **Schopenhauer & Nietzsche**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

_____. **Simmel e a Modernidade**. Jessé Souza e Berthold Ölze (orgs.). 2 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2005.

_____. **Sobre la aventura:** ensayos filosóficos. Tradução de Gustau Muñoz e Salvador Mas, epílogo de Jürgen Habermas. Barcelona: Ediciones Península, 2002.

_____. **Sociologia**. Evaristo de Moraes Filho (org.). Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1983.

_____. Sociologia da refeição. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 33, p. 159-166, jan./jun., 2004.

_____. **Sociologia**: estúdios sobre las formas de socialización. Tradução de J. Pérez Bances. Vol. 1. Madri: Revista de Occidente, 1926.

_____. **Sociologia**: estúdios sobre las formas de socialización. Tradução de J. Pérez Bances. Vol. 2. Madri: Revista de Occidente, 1927.

VANDENBERGHE, Frédéric. **As sociologias de Georg Simmel**. Coleção Ciências Sociais. Bauru: Edusc; Belém: EDUPFA, 2005.

WAIZBORT, Leopoldo. **As aventuras de Georg Simmel**. 2 ed. São Paulo: USP, Curso de Pós-Graduação em Sociologia, Editora 34, 2006 [2001].

_____. Simmel no Brasil. **DADOS, Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, vol. 50, n. 1, p. 11-48, 2007.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília, DF: Editora UNB, 2004.